

Maria João Saraiva de Menezes

CHAPÉU DE CHUVA

TRANSPARENTE

Crónica de um amor sem limites

Prémio Literário AICL Açorianidade 2013

"Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, digital, ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado - além do uso legal como breve citação em artigos e críticas - sem prévia autorização dos titulares do copyright."

Ficha técnica:

## DISCURSO DE ACEITAÇÃO DO PRÉMIO LITERÁRIO AÇORIANIDADE 2013

É uma honra receber este **PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE 2013** com o meu **CHAPÉU DE CHUVA TRANSPARENTE, CRÓNICA DE UM AMOR SEM LIMITES**. Segundo pesquisei, o conceito de "Açorianidade literária" foi definido por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932 e, desde então, foi amplamente divulgado em contextos bem diferenciados, desde estudos de âmbito literário a intervenções de ordem política. Este meu conto/narrativa nasce precisamente da arte de captar as características intangíveis e indefiníveis da Açorianidade e do sentimento de insularidade, expressos através de uma mundividência peculiar, visíveis através do sentimento de angústia metafísica ou de um «*je ne sais quoi*» existencialista, ou do tal sentimento do emparedado, ante a solidão e a distância.

A partir da minha ilha interior transporto-me para qualquer ilha física ou imaginária. Enquanto autora, viajei pelas ilhas açorianas; Madeira; Reino Unido, Japão e por ilhas da China. A insularidade cresceu em mim, literariamente, mas sobretudo na alma, e sobrepôs-se às minhas vivências. Nesta narrativa, o sentimento insular mescla-se com fragmentos biográficos da infância, recria-se numa ficção biografada e cresce com as personagens. As personagens, no entanto, quase que se descartam em detrimento das emoções, assumindo estas o controlo da narrativa e tornando-se, elas próprias – as emoções - personagens principais de uma história sem fim.

Esta crónica é uma viagem aos lugares da infância, reais e imaginários, sentidos e inventados; uma viagem num só fôlego e sem regresso. Em **CHAPÉU DE CHUVA TRANSPARENTE**, não há regresso do crescimento nem da morte quando morre a mãe e a alma gémea do narrador. A morte na ficção, por vezes, pode ser mais cruel do que na própria vida, e por isso, estas mortes roubam toda e qualquer esperança ao personagem narrador. E não há mais esperança senão a de continuar a respirar, rodeando-se de amor. **CRÓNICA DE UM AMOR SEM LIMITES** é, pois, o subtítulo, ancorando-se num chapéu de chuva transparente que atravessa toda a história e simboliza uma protecção insuficiente mas dinâmica; afinal, o retrato da vida humana.

Aqui, a expressão do sentimento de insularidade afirma-se numa tríade de emoções que toma forma numa tríade de ilhas: a ilha vulcânica onde a criança é exilada; a ilha interior que emerge do sentimento de abandono da criança face à ausência da mãe; e por fim, a ilha-promessa ou ilha-utopia, que é o lugar onírico onde a criança se reunirá com o seu alter-ego e que simboliza a visão salvífica do inferno na terra. Porém, a ilha-utopia não chegará a encontrar o seu *topos*, o seu lugar real. A vida e esta história encarregam-se de apagar esse sonho quimérico. Resta o sentimento latente de insularidade, moldando personagens dentro de personagens, votando-as ao abandono, à solidão, mas lançando-as numa esperança que nasce aqui de um passado já vivido.

« A casa da ilha era o desterro onde vivia a outra avó a avó da ilha. Antes da avó do norte ou das camélias eu tinha sido despachada para a ilha uma espécie de prisão provisória mas onde havia umas tias boas de mais para serem verdade. Na verdade a Teté e a Dé eram demasiado boas apenas para aliviarem em mim o sentimento de exílio e o sofrimento a ele adjacente. Na realidade não se tratava de um exílio era mais como se fosse uma morte em vida o que equivale a perder a mãe quando ainda se é demasiado criança para se compreender seja o que for. Mãe é respirar é viver é ser. Eu a era a morte em vida da minha mãe.» in *Chapéu de Chuva Transparente (...)*

Quando visitei os Açores há uns anos, senti-os de imediato como um local mágico que tinha de escrever. Escrever os Açores é recuperar a alma, respirar e logo a seguir perder o fôlego. É preciso escrever os Açores como todas as ilhas dentro de nós. Por isso, a partir da minha ilha interior transporto-me para qualquer ilha física ou imaginária. O escritor precisa de transformar o que vê e o que sente em palavras, para finalmente poder respirar e encontrar paz. Antes de escrever esta narrativa, eu não sabia que o que sentia era... AÇORIANIDADE.

«A casa da ilha fica fechada entre as montanhas que a encerram como se fossem quatro paredes e mais algumas por detrás das primeiras. Sinto um vulcão respirar entre aquela massa montanhosa escura como se toda a solidão do mundo coubesse ali dentro das nossas vidas. Olha-se à volta e não se vê mundo, não há horizonte apenas prisão e uma grande falta de ar. A Dorinhas está outra vez com ansiedade custa-lhe a respirar diz a Teté anda vamos rezar ao Menino Jesus. E ali habita uma sucessão de gerações de mulheres sobreviventes de uma ilha sem salvação. A única coisa possível é o amor entre

elas mas os dias sucedem-se com uma banalidade demolidora e o amanhã não é redentor para ninguém. Á volta da casa o quintal à volta do quintal os campos de vinha à volta das vinhas as montanhas e à volta das montanhas das montanhas o mar. O mar isola-nos inexplicavelmente de uma maneira que só é possível sentindo o choro da alma. A Dorinhas está outra vez com ansiedade custa-lhe a respirar diz a Teté e então a avó da ilha sorri e coloca-me a mão no peito e murmura palavras estranhas com odor a rapé. As palavras murmuradas entredentes pela avó da ilha parecem uma lengalenga mágica e a partir desse dia a escuridão da montanha já não era tão escura embora nunca deixasse de ser montanha. A avó da ilha também era uma ilha dentro duma ilha.» *in Chapéu de Chuva Transparente (...)*

Nesta narrativa quase tão mágica quanto as palavras sibilinas murmuradas por uma avó mistério, as palavras são como um berço que embala a criança que chora. No meio do silêncio, só as palavras podem calar o uivo do choro jamais libertado, só as palavras livres e independentes podem conferir alguma liberdade a tal condição de isolamento e desolação. Por isso, as palavras são criadas ao sabor do medo e da esperança; surgindo de ímpetos arrancados como que do fundo do peito. Por essa razão, surgem nesta narrativa neologismos livres e uma sintaxe redentora, assim como uma grafia rebelde e experimentalista. Perante a cadência das emoções, que marcham ao longo de uma narrativa que se pretende livre, é premente remover todos os obstáculos do caminho, tais como vírgulas, pontos, parágrafos, travessões de diálogo e pontos de interrogação. O discurso emana duma interrogação permanente e as palavras são aqui a salvação da alma.

Para mim, enquanto autora, a grafia rebelde e experimentalista passou aqui pela experimentação da utilização do AO/90 (acordo ortográfico de 1990) como paradoxal e irónica forma de protesto. Aqui, o uso do AO/90 serviu como forma de exorcizar barreiras entrando num mundo novo, mas sem alicerces e descartável. Afinal, todas as palavras são descartáveis depois de derramadas as lágrimas, depois de atiradas as palavras contra as paredes do vulcão que sufocam a criança na ilha.

O discurso fluido e sem pontuação, assim como as palavras destituídas de consoantes mudas e de hífens, assumem uma fluidez para além das normas do latim e do espartilho da etimologia; a semântica sobrepõe-se às regras gráficas, ortográficas e

de pontuação, dominando em força e reforçando o seu domínio através de neologismos criados directamente através da força emotiva que as expele.

Esta é pois uma narrativa que transcende todas as normas, à semelhança do estado de desvantagem – ou será de vantagem? – em que o sentimento de insularidade coloca o sujeito. E é porque esta narrativa transcende todas as normas, que a utilização do **AO/90** e a **escrita livre saramaguiana** tomam valor de **recurso estilístico**, expressando uma escrita livre ou libertária, pois destituída de pontuação, de indicação de diálogos e das próprias raízes da etimologia clássica.

O assumido caos ortográfico demonstra a inquietude das emoções/personagens principais; um caos que retira palavras do seu contexto etimológico e cultural, rompendo ligações com as raízes gregas e latinas da língua, impondo a desfragmentação da língua portuguesa, na sua variante europeia. Perfila-se aqui um símbolo do desabar da matriz linguística, qual referência a uma mãe perdida. A morte da mãe, fatal nesta narrativa, radica em todos os aspectos do desabamento da infância, da vida, da família, da Língua, da ortografia.

Comecei a escrever **CHAPÉU DE CHUVA TRANSPARENTE** e não sabia que o texto viria ter comigo sem pontuação nem que me faria experimentalista do AO/90 – eu que me afirmo contra o absurdo decepar de consoantes com sua indispensável função diacrítica. Quando esta narrativa se me impôs para que eu a escrevesse, não sabia que viria sem vírgulas, sem pontos, sem diálogos e sem consoantes mudas. É um lugar-comum dizê-lo, mas fui escolhida como intermediária desse processo literário que ultrapassa sempre o seu autor – e que normalmente tem sempre algo de importante a dizer ao autor. Fui empurrada pela força catártica da criatividade literária, mergulhando num limbo de memórias, ficções e emoções onde não existe espaço para a pausa nem para a vírgula. Assim, os diálogos surgem dentro dos pensamentos e os pensamentos surgem entrelaçados com as falas de episódios de uma história que se enreda em tantas. Esta libertação de todas as amarras, linguísticas, sintácticas e ortográficas é a própria força do processo criativo, porquanto rebenta com essas mesmas amarras, experimenta ser um ser diferente, ignora os dogmas e pretende apenas... respirar por entre linhas.

«Se outros tantos autores sagrados ou apenas consagrados podem porque é que eu não hei de poder? Se inventam palavras as torcem e distorcem refazem a sintaxe

recriam a vida e as emoções nas frases que dedilham porque hei de eu ser alertada olhe que isto não se escreve assim vou dizer ao revisor para cortar você não pode escrever piqueno nem inventar desgramado essa palavra não existe e onde está a pontuação a senhora julga-se alguma sara maga? Ora não só posso como escorraço qualquer revisor que se aproxime do meu texto. O texto é meu das minhas entranhas do meu sopro do meu pulsar. Não é nenhum corpo para um revisor autopsiar. Ou não me chame eu Ricardo e tenha um projeto a dois para inventar um país. E antes que me venham impor um acordo ortográfico aqui está ele ainda mais papista do que o papa para que provem do vosso veneno. Esta é uma viagem às emoções humanas e cada paragem são episódios de uma vida que são tantas. Quem não quiser embarcar é desde já convidado a sair.» *in Chapéu de Chuva Transparente (...)*

É pois uma honra receber este prémio literário, em nome da literatura e da lusofonia, porque valorizo uma lusofonia cuja maior riqueza são as múltiplas diferenças e a unidade na diversidade. A riqueza da Língua portuguesa enquanto versão europeia releva do carácter histórico e etimológico que nos liga às línguas clássicas, unindo as famílias de palavras e fazendo sentido na sua fundamentação ontológica. Por outro lado, a riqueza do Português enquanto versão brasileira releva do seu carácter inovador, demiurgo de palavras e expressões culturais únicas e por isso mesmo, regionais e específicas. Não queiramos ler um Saramago escrito em Português do Brasil nem um Jorge Amado aportuguesado. Não quero ler Pepetela com sotaque de Cascais nem Mia Couto com ortografia proveniente de uma utópica pronúncia culta. A riqueza da Lusofonia é a sua idiosincrasia, não uma Língua de lei que foi resolvida em conselho de ministros e nasceu numa fábrica ortográfica. A Língua é um organismo vivo, sujeito à evolução por via erudita e popular; não faz sentido descaracterizá-la numa unidade das escritas lusófonas, destituindo-a de tudo o que tem de único e diferente. É único e não-formatável o maravilhoso Português de Angola, o de Moçambique, de Cabo Verde, de São Tomé e Príncipe, de Goa, de Timor, de Macau e do Brasil – assim como o são as 55 variantes do Inglês, nenhuma delas silenciada com a unificação ortográfica. A matriz da língua é a garantia de que essa diversidade poderá remeter-se à unidade sem que incorra no abismo da descaracterização da Língua. Há que preservar a matriz.

É, por fim, uma honra receber este **PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE** das mãos da AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA”, cujos princípios e objectivos são «um movimento

cultural e cívico que visa mobilizar e representar a sociedade civil de todo o mundo, para pensar e debater amplamente, de forma científica, a nossa fala comum: a Língua Portuguesa.» E afirma no ponto 6. «Em defesa da Lusofonia, defendemos a nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiossincrasias, impedindo que outras culturas e outros povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem.»

Bem-haja aos defensores da Língua portuguesa, da Lusofonia e de todas as suas variantes e idiossincrasias, na preservação da matriz da Língua portuguesa, viva e múltipla. Viva a literatura. Viva a Língua portuguesa. Obrigada.

Maria Saraiva de Menezes

Lisboa, 18 de Outubro de 2013

[mariademenezes@gmail.com](mailto:mariademenezes@gmail.com)

<http://educacaoliteraturaecultura.blogspot.com>

<https://www.facebook.com/LivrosInfantoJuvenisHorasDoContoETeatro>

NOTA 1: A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.

NOTA 2: Neste livro, a autora escreve segundo o novo acordo ortográfico de 1990, paradoxalmente, como forma de protesto.



## CHAPÉU DE CHUVA TRANSPARENTE

Não vou dizer quem sou nem o que faço é uma espécie de jogo peguem numa caneta e papel e vão traçando o meu perfil à medida que vão pescando informações para no final obterem o meu tipo de personalidade. Descubram aspetos biográficos e outras particularidades que podem anotar no final do livro. O prémio é uma coisinha bem feita pelo menos uma vez na vida. Quem teve a coragem de ler os Cem Anos de Solidão do Gabriel García Márquez sem ir fazendo a árvore genealógica dos descendentes do coronel Aureliano Buendía? Então já percebi e nem se vão dar ao trabalho. Da primeira vez li o livro com a ideia de fazer a genealogia de cabeça e arrependi-me por deixar andar tive de o reler 17 anos mais tarde armada do excelso lápis para traçar a dita árvore e dormir descansada. Prioridades.

Aos 7 anos aterrei como que por engano numa primária que tinha todos os alunos dos vários anos numa sala de aula. Parece que me portava mal e ficava sempre lá atrás e cheguei mesmo a levar duas reguadas o que numa vida inteira ainda pesa. Por isso durante algum tempo não percebi se era do primeiro ou do segundo ano, classe como se dizia na altura mas tinha a certeza de que do terceiro ou do quarto não era pelo menos por causa das contas de dividir. O professor era muito dinâmico mantinha-nos ocupados com tarefas perguntava as tabuadas chamava ao quadro dava reguadas fazia os seus elogios sorria zangava-se quando era preciso e no recreio ainda dava uns pontapés na bola com os rapazes. Eu tinha de saltar ao elástico com as meninas jogar à macaca na qual era exímia modéstia à parte mas francamente o que me atraía era aquela bola e a adrenalina de jogar contra adversários. Mas não ficava bem jogar com os rapazes até porque um deles era meu namorado embora não o soubesse e por isso mesmo eu não lhe dirigia a palavra. Por vergonha entenda-se. Vergonha de o amar e alguém descobrir e começarem todos isto é TODAS a dizer namorados namorados primos e casados o que me perseguiria para o resto da primária.

Se outros tantos autores sagrados ou apenas consagrados podem porque é que eu não hei de poder? Se inventam palavras as torcem e distorcem refazem a sintaxe recriam a vida e as emoções nas frases que dedilham porque hei de eu ser alertada olhe que isto não se escreve assim vou dizer ao revisor para cortar você não pode escrever piqueno nem inventar desgramado essa palavra não existe e onde está a pontuação a senhora julga-se alguma sara maga? Ora não só posso como escorraço qualquer revisor que se aproxime do meu texto. O texto é meu das minhas entranhas do meu sopro do meu pulsar. Não é nenhum corpo para um revisor autopsiar. Ou não me chame eu Ricardo e tenha um projeto a dois para inventar um país. E antes que me venham impor um acordo ortográfico aqui está ele ainda mais papista do que o Papa para que provem do vosso veneno. Esta é uma viagem às emoções humanas e cada paragem são episódios de uma vida que são tantas. Quem não quiser embarcar é desde já convidado a sair.

Naquela terra nórdica da minha infância os invernos eram gélidos ainda mais naquela casa de granito com uma imponente salamandra na sala lembro-me de que nunca tirava o pijama por debaixo da roupa só tomava banho ao domingo porque me obrigavam e vestia por cima da camisola interior e do pijama uma camisa de flanela sete camisolas de lã um kispó como se dizia e mais luvas gorro cachecol e morria de frio. Livra mal me emancipei rumei ao sul e em novembro ainda ando de ticherte. A avó das camélias andava sempre a correr de um lado para o outro e apesar de ser pequena e frágil aparentava nunca ter frio. Não sei lidar com o frio frio é morte por isso estar no norte era um pouco como ir morrendo a cada dia sobretudo porque eu era criança e tinha-me perdido da mãe.

Quando vivi na China ainda era possível andar de riquexó na baía de Macau agora já não existe a velha baía da praia grande foi-se com o aterro cheio de arranha céus que plantaram para inflacionar a inflação e a economia

de mercado da China comunista. É o socialismo de mercado e o luxo asiático olha o Mao a dar voltas no túmulo ai Mao tantos pequeno burgueses que se pelam por compras e marcas caras já não há riquexós só Mercedes e BMWs. Bolas para a baía e estou-me nas tintas para o consumismo desenfreado dos senhores consumidores até são boas pessoas claro e querem esquecer o passado a revolução cultural o saneamento de intelectuais a separação de famílias aquelas fardas horrendas a supressão de adornos femininos da música da literatura a militarização a redistribuição da riqueza a desindividualização eu não conseguia viver na comuna adoro ser Eu individual maquilhar-me nos dias-não tocar o meu violino livremente comprar um cachecol cor de laranja e ler poetas malditos mas sobretudo não gosto que me digam o que devo ou não fazer quem pensam eles que são.

Posso dizer com verdade que a minha avó das camélias foi uma das pessoas mais importantes da minha infância quando cerca dos meus 4 anos a mãe me foi deixar à quinta num frio inverno foi nos braços da minha avó que me entregou. Generosamente a avó cuidou de mim e do meu irmão aturou-nos as birras e as doenças e ainda nos deu carinho e ensinamentos. As coisas melhores que aprendi com a minha avó foram as coisas mais simples da vida: aprendi a fazer filhoses no Natal e a sentir a alegria dos preparativos para a festa aprendi a fazer rissóis e a moldar bonecos com a massa das sobras e esperar que os fritasse para mim aprendi a rir com anedotas e a meditar sobre ditados populares. Aprendi a ir à igreja levar o dinheiro aos pobres e camélias para o altar. Aninhada aos seus pés aprendi a contar as carreiras dos seus naperons de croché e a esperar pacientemente por um cachecol de lã feito pelas suas mãos dum gorro de luvas e de sapatinhos de lã para dormir. Com a minha avó aprendi coisas de um mundo que já não existe. Aprendi igualmente que ter carácter forte é também ter coração mole – e ambas as coisas eu herdei da minha avó. Recordo aqueles invernos gelados mas a minha avó vinha sempre trazer-me uma botija quentinha à noite era a avó quem me preparava uma cama macia com lençóis de flanela e quem me contava os espirros quando eu dava 20 de seguida. Por esta vida toda que passei com ela a minha avó faz parte de mim e eu dela. Poderá partir agora em corpo quando for a sua

hora mas o seu espírito estará sempre comigo. Por essa razão quando me perguntam quem foi a minha avó para mim eu sinto e digo que ela foi a minha segunda mãe mas nas pequenas coisas da vida enquanto estive perto dela, ela foi a primeira.

A meio do meu périplo pela China dei uns saltos a terras exóticas como Phuket na Tailândia andei de barcaça nos canais de Bangucoque visitei os mercados infetos da velha China onde se estropiam rãs para a sopa e escarpelizam cães para chop sui. Apanhei mangas diretamente da mangueira numa ilha malaia 7ª maravilha do mundo voei até Kuala Lumpur e atravessei de camioneta durante a noite toda a Malásia até Malaca para não perder tempo e só para ver o bairro português... sem comentários. No Japão era o tempo das cerejeiras em flor fui à cerimónia do chá fotografei gueixas e punks no metro comi os pratos mais inesperados expostos na montra dos restaurantes comprei um chapéu de chuva transparente e vim a conhecer o homem da minha vida só que na altura não o sabia e por isso voei literalmente para o mais longe possível dele e como longe entenda-se Québec Canadá gelado lindo mas absolutamente nos antípodas da China que está ainda tão perto do meu coração. Passaram-se meses e viagens um ano 2 vidas 3 empregos 30 sonhos e inesperadamente aos vinte e dois anos casei com ele. Por isso já sabem quanto mais se afastarem de uma pessoa maiores são as probabilidades de se casarem com ela. Não tinha planeado casar muito menos antes dos trinta muito menos com o homem da minha vida muito menos com um português encontrado no Japão mas tudo aconteceu de forma tão predestinada que ao fim de dois anos de namoro casámos de forma inesperada para o destino que me estaria previamente predestinado e que levou com este revés. Foi naturalmente um choque para todos aqueles que achavam que deviam achar alguma coisa e a troca de olhares comentários e vaticínios foi prolixa a contrariedade e o espanto a indignação e o inconformismo foram profícuos perante a amoralidade da relação. Tudo isto porque o homem tinha idade para ser meu pai mas francamente o que é que isso interessa quando se está loucamente apaixonada. Juntos até hoje 20 anos volvidos. Até quando? Mais 20 anos depois passamos do prazo de validade e já não sabemos o que

fazemos juntos acontece aos melhores. Mas presentemente ainda ignoro que vou envelhecer e esquecer-me por que vivi por que estou ali com aquele homem que tanto amei por que tenho tanta quinquilharia de viagens de que não me lembro que fiz... Presentemente ainda ignoro que a decrepitude me espera para me deformar roubar-me as memórias a frescura a juventude a saúde o homem a meu lado presentemente ignoro-o não o sinto na pele mas já o temo no fundo de mim bem no fundo de mim.

Como descrever o homem da minha vida aquilo que senti quando a química aconteceu o que sentia quando nos afastávamos meu Deus sentia que ele era uma peça do meu respirar e quando nos separávamos era como se me arrancassem essa peça um pedaço de mim parte da alma... Só sabemos o quanto amamos alguém quando experimentamos a sua ausência pois eu experimentei-a demasiado demasiado para a minha vulnerabilidade. Saber que amamos é saber que não se consegue respirar sem aquele outro que encaixa no nosso corpo alma mente psique como um lego perfeito amo-o para sempre e desde sempre e se algum dia deixasse de o amar já não haveria uma peça igual para o substituir já não se fabricaria decerto um encaixe tão perfeito uma vida tão vivida e partilhada uma família se estão a ver a força que esta palavra pode ter. Fizemos três filhos numa vez FAMÍLIA se estão a ver a força que esta palavra pode ter.

Detesto o nome do meu marido, Ernesto, mas que raio de nome para se dar a um filho. Fico com câibras na língua só de dizer E-R-N-E-S-T-O. Ernesto rima com pesto funesto com incesto e lesto. Mas em vez de se revoltar contra o seu nome o que seria uma espécie de ascese taxonómica e por isso para mais além de si próprio o desgramado adorado Ernesto nada funesto e até bastante lesto acena alegremente quando eu chamo Erneeeeeeeestoooo! Sim querida não gostará ele também do meu nome e por isso o tenha substituído por querida? Não é o que se chama a todas as mulheres seja qual for aquela com quem se concubina presentemente? Mmmm...

O meu nome é outra questão que me irrita MARIA-DAS-DORES, Dores para os amigos. Francamente onde tinha a mãe a cabeça quando atendeu o pedido especial da madrinha que por sua vez o trazia da avó já falecida mas para sempre lembrada? Maria das Dores? Dores Dorita Dorucha Dora eu sei lá já me chamaram de tudo desde que nasci. Por isso fartei-me e agora quero que me chamem só Maria e pronto. E não é pouco é bem maior do que Rui Ana Mia Lia Lara Mel Al e outros que tal. Imaginem a senhora da padaria a dizer todos os dias bom dia dona Dores como tem passado? Isto soa terrivelmente. Dona Dores o tanas para já não sou dona sou doutora não assim por extenso mas dr<sup>a</sup> e com muito orgulho muito trabalho muito dinheiro gasto naquela universidade inóspita. Depois dona Dores dá-me cá umas dores de barriga de dentes de cabeça de cotovelo que eu nem sei, tudo o que eu queria era roubar o BI a uma Vera Sofia Marta Mafalda ou Ricardo. Sim porque quando eu era pequena por volta dos seis anos decidi chamar-me Ricardo anunciei à família que a partir daquele momento todos tinham de tratar-me por Ricardo. Estão-se a rir qual é o problema lá porque é nome de homem não quer dizer que não fosse o meu nome preferido. Um piqueno pormenor no género nada mais. Mas aquilo não pegou ninguém me chamava Ricardo chamavam-me Dorucha, Tuxa, Pituxa eu nunca sei quem fui nem se serei. Tive de arranjar um amigo imaginário para me tratar por Ricardo alguém que me fizesse a vontade que me obedecesse irra.

Entrei na universidade mais tarde do que o comum mas com o sonho de crescer por dentro o mais que pudesse tarde porque andei a viajar da China até ao Canadá passando por São Francisco e Québec Paris Madeira e Lisboa como já tinha referido a trabalhar para ter muitas experiências de vida e enriquecer os meus dezoito dezanove vinte anos. Resultado três anos mais velha do que os meus colegas de curso o que me deu uma vantagem de maturidade e certeza daquilo que pretendia da vida. O meu curso já não existe na minha faculdade vejam só as certezas que se podem ter em relação à vida.

Com tanta maturidade e aquela inevitabilidade no Japão casei antes do primeiro ano de faculdade o que era excêntrico que bastasse.

Cresci numa quinta verde minhota com morangos de estufa caracóis nos arbustos e uma família que me não foi apresentada. Cedo pela manhã apenas ouvia a minha avó das camélias tomar a sua cevada com o trigo e marmelada caseira. A cozinha era o lugar quente da casa o lugar da mãe onde apenas havia a avó. Vestia toda aquela roupa de inverno tomava o leite quente com pão fresco deixado no saco de pano à porta de casa. Despedia-me da minha avó como se fosse um estranho era eu Ricardo já a brincar que era um filho que estava em viagem e se despedia da mãe. A avó das camélias não se desmanchava dizia adeus meu filho boa viagem não vás até à lua. Eu então montava a minha bicicleta em grande estilo e partia pela quinta fora nem imaginam como aquela quinta era grande para mim desde o carreiro dos buxos que atravessava vários castanheiros diospireiros japoneiras nogueiras pessegueiros pereiras macieiras laranjeiras amendoeiras cerejeiras e levava lá acima até à grande mesa de pedra qual santuário da escalada. A chegada à mesa de pedra era um grande feito pelo meio enchia os bolsos de castanhas observava teias de aranha gigantes ninguém conhecia aquelas teias de aranha como eu ninguém conhecia os socalcos do terreno ninguém tinha uma coleção de folhas secas como eu. A minha vida era plena de acontecimentos naquelas manhãs de aventura. Depois descia pelo tanque de granito até à zona proibida. Aí não falava tão alto com o meu amigo imaginário para não sermos descobertos brincava aos espiões e subia a ladeira até aos dois tanques de granito e espreitava até onde a vista podia alcançar. Havia cobras aquáticas nos tanques da zona proibida quais adamastores que me arrepiavam e faziam regressar ao carreiro dos buxos rapidamente. Descia depois para a casa dos caseiros e contemplava a pequena árvore das camélias a nossa japoneira e avançava até ao fundo onde o pai uma vez caçara uma raposa. Ia comendo tângeras laranjas diospiros gigantes que caíam no chão numa explosão de polpa cor de fogo comia-os assim mesmo a derramarem o néctar e a polpa abertos no chão em cima das folhas secas. Depois de uma manhã de aventuras na minha ilha secreta a avó das camélias chamava para o almoço.

Engraçado só agora dou valor ao fato de ela preparar o almoço e tê-lo sempre disponível para me servir na altura isso era apenas uma maçada porque interrompia a minha aventura. Regressava então da minha viagem pela quinta que parecia tão grande mas que afinal nem é segundo constatei há poucos anos. Abraçava a avó que era minha mãe e dizia que fizera uma viagem perigosíssima e trazia-lhe uma jóia: um ouriço de castanha fechado. A avó dizia obrigada bem vindo a casa filho e dava-me um abraço. A seguir ao almoço, seguia para a escola, o tal 1º ou 2º ano, as aulas começavam à 1 e 40 que horário incrível para se começar e lá ia eu descia a ladeira da quinta passava à frente do solar onde morava a minha família desconhecida e descia sempre a direito até à escola primária. Parecia um destino longínquo mas não passa de uma pequena rua que se percorre em cinco minutos. No meu passo de criança levaria um quarto de hora pensava em tudo o que queria brincar no dia seguinte avistava a senhora do leite avançava e o professor recebia-me à porta com um alegre boa tarde Maria das Dores meu Deus como eu odiava o meu nome.

Ao fim de 20 anos de casada não parece tanto tempo como me pareceram aqueles 10 anos da minha infância com a minha avó. Eu diria que estou casada há 5 anos se não fosse pela idade dos meus filhos sendo que os mais velhos também já tiveram direito à sua infância feliz com a mãe a prover todas as necessidades de afeto e entraram já na idade do armário em que parece serem muito infelizes terem esquecido toda a infância maravilhosa que lhes proporcionei e tudo o que fazem é dizer que seca que seca k seka k seka mãe por sms e chat online. A adolescência. Não sei se estarei à altura deste momento tão solene da vida de um ser humano. Fecham-se como numa concha mudam de voz ficam ansiosos com tudo o que o futuro lhes reserva oh sim já me lembro como tudo o que eu queria era já ter a carta de condução já ter a faculdade feita já ter viajado por todo o mundo já ter namorado já ter o cabelo comprido e ser popular na escola. Mas não era e só tinha 15 anos meu Deus as asneiras e alhadas em que me meti mas foi por uma boa causa por isso parece que as asneiras não devem ser assim tão más.



Numa manhã de férias a avó das camélias disse-me vai ao solar na torre nascente e nessa ala lateral vive lá uma menina da tua idade. É tua prima. Não queria acreditar uma miúda da minha idade naquele fim de mundo não me digam é mesmo verdade como é possível de onde veio eu realmente não conhecia ninguém da minha família. Uns tios tinham chegado de longe e aquela torre e ala não eram habitadas até então. O quarto da Luísa era na torre. Depois daquele dia entrava por ali dentro todas as manhãs cheia de pressa para irmos brincar cheia de alegria para novas aventuras e a Luísa até me podia chamar Tucha o Ricardo tinha desaparecido para quase sempre dentro de mim. Não sei se haverá amigas primas irmãs como nós no mundo o que é certo é que nunca mais ninguém conseguiu quebrar o nosso pacto de sangue. Sim fizemos um pacto de sangue como víramos num filme espetámos uma agulha no polegar juntámos os dedos e jurámos que nada nos separaria. Ali começou toda uma empresa para cimentar o nosso pacto. Criámos uma linguagem gestual que apenas nós entendíamos e nos permitia comunicar à mesa na escola entre os adultos sem interromper ninguém e sem dar nas vistas. Às vezes os nossos gestos e oportunidade dos comentários eram tão hilariantes que desatávamos a rir à gargalhada o que enfurecia os progenitores e ou substitutos sequiosos de controlo e disciplina. Também desenvolvemos um alfabeto escrito encriptado e enviávamos cartas uma à outra através dos adultos quando não era possível estarmos juntas. Dominávamos totalmente a situação tínhamos decidido ter um país quando fôssemos grandes que podia ser uma ilha onde instituiríamos a nossa língua e seríamos as presidentes claro está. Aos nove anos decidíramos que já éramos suficientemente adultas e que já sabíamos cuidar de nós e que portanto não tínhamos de dar satisfações a ninguém.

Quando a mãe morreu eu nunca tinha chegado a conhecê-la propriamente. O seu funeral foi o de um enigma. Fiquei ali a olhar para o que restava dela e não senti nada. Vim-me embora e fui ao cinema ver desenhos animados com o meu filho mais novo. Emocionei-me com uma cena do

desenho animado. O meu filho deu-me a mão e disse eu estou aqui mãe. É bom ter uma infância ainda para viver plenamente não a minha mas a dele que é como se fosse minha. O meu filho Ricardo enche-me o coração daquilo que eu não tive uma mão a que me agarrar nos desenhos animados. Através dele vivo a presença da mãe que sou eu própria e que não me tive. Como é bom acordá-lo com um beijinho, preparar-lhe panquecas para o lanche perguntar-lhe mil vezes se já lhe disse hoje que o amo muito. Como é bom vermos filmes agarradinhos no sábado à noite quentinhos na minha cama a comer chocolate e agarrados ao ratinho de peluche. É um momento só nosso só da minha infância só dele só da mãe que nunca tive. Dor maior é ter um filho e não o poder amar a cada minuto não o cheirar não o apertar e sentir o seu pequeno coração bater de vida e alegria.

Fecho os olhos e chove e chove sempre que fecho os olhos. Oiço a chuva lá fora estou nesta cama de uma vida a ouvir chorar devagar. Abro os olhos não chove é uma estranha ilusão. Fecho os olhos e volta a chover. Portas fechadas preciso de portas fechadas em todos os cantos da casa gosto de todas as portas fechadas trancadas maçanetadas. Certeza que um Freud diria logo que o meu desejo de portas fechadas é uma necessidade de segurança de proteção uma barricada de um lar que foi frágil e quer-se erguido como uma fortaleza. E depois mas fechem-me as portas que eu preciso de aconchego. Verde preciso de ver verde para me descontraír para encontrar a paz o sossego o bem estar de uma manhã de verão como as da quinta. E flores adoro o maravilhoso aroma e a cor toda a gente me devia dar flores vivas adivinhem quem sou eu coberta de pétalas e de perfume camélias de preferência. E o Mar meu Deus o Mar indescritível o seu aroma o seu sal delicioso o seu som que vozeirão poderoso que medo que tranquilidade que paz que susto. O Mar o verde o aconchego eis a receita para a minha sublimação.

A minha avó chama-me da cozinha é domingo é dia de ir à missa ela sabe perfeitamente que os meus pais são ateus e não me querem na missa

nem na catequese mas mesmo assim chama-me Maria das Dores vamos que é hora. A avó foi buscar camélias à pequena japoneira em frente à casa dos caseiros está sempre carregada de camélias por mais que se tirem são para o altar responde a avó com aquela alegria que perpassa a sua voz cristalina. Eu observo o mistério de tudo aquilo sinto uma grande vontade de chorar mas também me sinto contente naquele pequeno momento o choro tem estado sempre presente no meu peito forma-se um nó na garganta e ali fica sem me abandonar. Por mais que brinque que corra com a Luísa pelo carreiro dos buxos que imagine que somos adultas e já vivemos as nossas vidas porque esse é o nosso sonho este nó de choro na garganta não me larga como se a idade da inocência nunca pudesse ter lugar. A avó das camélias pega na sua malinha impecável cabelo grisalho fato cinzento com as joias de família que um dia hão de ser minhas diz sempre a avó e depois dá-me o braço e diz-me vamos Dores. Visto de fora este é um quadro de uma beleza ímpar uma avó insubstituível de aspeto belíssimo com um lindo ramo de camélias para o altar de braço dado com a sua neta que há tão pouco tempo se chamava Ricardo e ainda tem o cabelo curto dessa última personalidade que viveu. Talvez o nó de choro na garganta fosse também porque o Ricardo já não encontrava lugar na minha vida e ainda não havia um lugar definido para o vazio.

Nas minhas consultas de psicoterapia tive um paciente que me impressionava particularmente pela intensidade da sua vivência emocional. Preservando naturalmente a sua identidade ele procurou-me porque tinha sido acometido por crises de pânico sem explicação. Sem explicação dizia ele para uma profissional experiente como eu nada melhor explicado do que a sua crise de vazio de identidade o seu sentido de abandono a sua insegurança afetiva a sua carência latente. Ele sentia os ataques de pânico começarem a trepar por si acima como formigueiros gelados na ponta dos pés a subirem-lhe rapidamente pelas pernas até ao peito e a congelarem-no até sentir o cérebro tão leve que quase desmaiava. Isto acontecia-lhe em férias com os filhos a conduzir na autoestrada a jantar com amigos. Sem explicação dizia ele eu sou uma pessoa feliz não me falta nada quando eu via que lhe faltava um mundo um passado um abraço seguro. Da primeira vez em que lhe ocorreu uma crise

de pânico múltipla estava a conduzir numa autoestrada com os filhos dentro do carro parece que eles não se calavam e ele viu tudo branco e pensou que tinha tido um AVC. A mulher chamou uma ambulância e ele foi levado para a ala psiquiátrica com reforço de ansiolíticos. Depois de iniciada a psicoterapia foi então que ele começou a descobrir o vazio dentro de si abrindo-se para si próprio e começou num pranto que durou três anos de consultas e talvez o dobro na sua vida interior. Ao fim desses três anos disse-me sinto-me quase curado finalmente chorei toda a minha vida que não tinha sido sofrida talvez tenha preenchido aquele imenso vazio. O pânico era uma forma de as emoções lhe dizerem que ele não podia ser desleal para consigo próprio ignorando as agruras da vida. Que estranho termos de sofrer à mesma ainda que não o queiramos disse-me eu recusava-me a sofrer. Encontrei este paciente anos mais tarde numa livraria a comprar livros de autoajuda mas era já outra leveza outro olhar e disse-me que tudo o que queria era ser natural como a brisa.

Divorciados. Os teus pais disse-me a avó estão divorciados. Ficas aqui comigo e vamos divertir-nos muito anda ajuda-me a fazer um bolo de bolacha que hoje vem cá a tia Mariazinha. Divorciados que palavra tão dura e estrangeira eu era a única miúda na escola com pais divorciados que vergonha. 1 h e 40 entro na escola boa tarde Maria das Dores boa tarde senhor professor sinto pena no olhar dele as colegas olham-me como a filha-dos-divorciados já não me vão deixar jogar ao elástico no recreio de certeza. Tenho sete anos mas há muito que vivo com a avó e também passei pelas casas de tias e da outra avó da ilha numa sucessão temporal que nunca compreendi os adultos são mesmo complicados ou então nunca me explicaram nada por acharem que eu não valia a pena. Tenho sete anos e sinto que é agora ou nunca que tenho de escrever uma carta de amor ao meu namorado Rui Pedro que giro que ele é e nunca olhou para mim tenho de acabar com este silêncio. Ainda é cedo para criar poemas de amor por isso escrevo-lhe a letra da canção papagaio louro de bico dourado leva-me esta carta ao meu namorado. Foi das coisas mais ousadas que já fiz eu tive mesmo a coragem de chamar-lhe namorado é claro que ele nunca respondeu nem mesmo deixou de não olhar

para mim e todos os recreios continuava a jogar à bola enquanto eu o observava. Esta foi a minha primeira experiência dolorosa de amor acho que não me marcou muito para o futuro mas naquela altura era sempre uma emoção quando ele ia ao quadro ou quando tocava para o recreio os nossos olhares nunca se cruzaram mas só de pensar que isso podia acontecer levava-me ao êxtase.

A casa da ilha era o desterro onde vivia a outra avó a avó da ilha. Antes da avó do norte ou das camélias eu tinha sido despachada para a ilha uma espécie de prisão provisória mas onde havia umas tias boas de mais para serem verdade. Na verdade a Teté e a Dé eram demasiado boas apenas para aliviarem em mim o sentimento de exílio e o sofrimento a ele adjacente. Na realidade não se tratava de um exílio era mais como se fosse uma morte em vida o que equivale a perder a mãe quando ainda se é demasiado criança para se compreender seja o que for. Mãe é respirar é viver é ser. Mãe não é alguém que se vai embora para regressar na promessa de um futuro incerto. Eu a era a morte em vida da minha mãe.

Perto do fim dos 30 eu também precisei de dedicar algum tempo à minha crise da finitude ou consciência da precariedade da existência como lhe chamei. De repente temos consciência de que não somos imortais e essa crise só nos visita depois de termos vivido como deuses. Há quem leve o choque a frio com toda a dor que isso acarreta e há quem procure uma negação uma anestesia da crise tomando umas drogas metendo-se mais nos copos nas saídas num shopping desenfreado tentando comprar a alma que nos foge que nos foge... Eu tive a minha crise um pouco a frio o que é pior pois na verdade nada como uma boa ilusão uma boa piela muitas viagens com destinos exóticos eu sabia que nada alteraria a minha condição de precariedade de mortalidade mas quem me disse que eu viveria para sempre? Foi então que chorei toda a dor que tinha no peito e se desatou em parte o nó que tinha na garganta desde sempre desde a altura em que me chamava Ricardo ou mesmo antes. Desde então que vivo no fio da navalha eu e os meus pacientes

em crises de finitude mais ou menos sintomáticas do que a minha todos nós somos pacientes do passado e das nossas emoções. Quanto a mim a dor de sermos finitos perante o absoluto é suficiente para nos lembrar de que há um lado de nós que pó foi e pó será assim sem mais independentemente de tanta maravilha erguida de tantos vestígios da nossa existência independentemente da fama da fortuna ou de um insignificante grande feito da humanidade. Ao pó voltaremos.

Quando a mãe morreu eu estava em plena crise de finitude e por isso assumi a sua morte com grande sentido de culpabilidade entre outras coisas. Culpa por ter nascido por ter existido por me ter interposto entre a sua vida profissional e a sua ambição. Quando a mãe morreu eu nunca tinha chegado a conhecê-la propriamente. O seu funeral foi o de uma estranha. Fiquei ali a olhar para ela ou para o que restava dela e não senti nada senão culpa culpa e pena por nunca a ter conhecido. As outras famílias são normais têm pais e mães casados e os filhos são felizes e celebram juntos o Natal as avós aparecem de visita e as mães levam os filhos à escola tratam deles quando estão doentes e vão ao supermercado comprar hortaliças e fazem marmelada no início do outono. As outras famílias têm pais casados mães normais e meninas que se chamam Patrícia Susana Cláudia Margarida. O funeral da mãe foi estranho os meus pêsames disse um desconhecido vestido de preto e eu não respondi porque não sentia nada senão pena. Pena não sei bem de quê mas talvez de nunca ter tido uma mãe.

Anda Dores diz-me a avó das camélias é Natal e o circo chegou à vila. A minha avó vai levar-me ao circo que boa que ela é para mim estou tão feliz querida avó. Descemos até à vila a avó sempre muito despachada ainda tem de ir ao leite à igreja e à tia Micas mas primeiro deixa-me no circo toma lá dois e quinhentos para uma nogada e um sumol. Estou tão contente por momentos não sinto o nó de choro na garganta por momentos sou feliz nem me lembro de que sou uma menina chamada Dores que não tem mãe. Os animais os acrobatas os palhaços que maravilha a minha avó trouxe-me ao circo que pena

a Luísa não estar aqui comigo podíamos imaginar que já éramos crescidas e estávamos a viajar.

Quando o homem da minha vida me pediu em casamento confesso que não estava nada à espera e por isso comecei a rir a rir à gargalhada sem conseguir parar. Levou-me a um restaurante na Sintra romântica e a meio do copo de vinho pergunta e se casássemos o quê não acredito casar com estas idades nós que estamos tão bem a namorar há dois anos e ria ria ria ria não sei porquê nervosismo não era alegria seria mas era mais um choque alegre um ter sido apanhada de surpresa e eu que gosto tanto de planear tudo esta não tinha previsto nas minhas emoções. Casar que palavra estranha normalmente só acontece aos outros eu não sei se sei casar se sei dizer o meu marido que palavra estranha na minha voz sim aceito que anel tão bonito as mulheres não resistem a um lindo anel e um ramo de flores ainda mais com um pedido de casamento só tinha visto nos filmes e emocionara-me mas ainda não me tinha colocado nesse lugar e agora de repente... Sim por que não.

Tenho cerca de 3 anos e Portugal vive a revolução dos cravos. Estou na creche em Lisboa mas cedo estarei na minha outra avó da ilha a mãe em Itália e o pai no Brasil. Cedo estarei ao colo das minhas tias tão queridas e carinhosas que elas são para mim ninguém tinha sido assim tão doce comigo. Na casa da ilha a Teté e a Dé trazem-me fruta do jardim araçás pitangas papaias, fruto delicioso e maracujás como isto é estranho há patos e galinhas e esta outra avó – a avó da ilha - reservou-me uma ninhada de patinhos para eu ver nascer. Não sei da minha chucha quero a minha mãe fiz chichi na cama mas elas não se zangam são mesmo queridas não percebo porquê já que eu estou sempre zangada com todos. A Teté faz-me sempre sumo de tomate um néctar do quintal a menina precisa de vitaminas a Dorinhas precisa de deixar a chucha vamos escondê-la nãããã eu quero a minha mãe. Os patinhos são amarelos e todos têm um nome escolhido por mim são teus disse a Avó da ilha tens de tomar conta deles como uma boa mamã... A Teté fala sempre a sorrir e fala também do menino Jesus não sei quem é a mãe nunca me falou dele.

Tenho o meu ratinho de plástico é pequenino e cabe-me na mão durmo com ele e levo-o para o banho a Teté disse que temos de guardar o ratinho. Não percebo por que não posso ter o meu ratinho ele agora fica ali na prateleira está bem? Nunca esqueci até hoje o meu ratinho na prateleira depois desapareceu não sei porquê. A Teté fez-me uma boneca de trapos maior do que eu é preta e chama-se Andreia. Tenho roupinhas para lhe mudar mas não consigo porque ela tem pernas muito compridas e é mais alta do que eu. Não sei por que as tias são tão boas para mim eu nem as conhecia.

A vida de psicoterapeuta é uma espécie de vida múltipla embrenhamo-nos em diversas personalidades e respetivos dilemas. Para mim é terapêutico ser terapeuta. Faz-me bem o mal dos outros sinto-me curada dos meus males mais forte e sábia de tantas teorias prontas a explicar problemas alheios. Estou horas metida no consultório e assim os dias passam com uma celeridade inimaginável. Paciente atrás de paciente atrás de paciente atrás de paciente aqui estamos bem e confortáveis posso chorar Sotora claro tem aqui a caixa dos lenços não tenha medo de ter medo apenas esteja centrada em si própria digo eu em chinês porque afinal vivemos todos numa torre de babel.

A casa da ilha fica fechada entre as montanhas que a encerram como se fossem quatro paredes e mais algumas por detrás das primeiras. Sinto um vulcão respirar entre aquela massa montanhosa escura como se toda a solidão do mundo coubesse ali dentro das nossas vidas. Olha-se à volta e não se vê mundo, não há horizonte apenas prisão e uma grande falta de ar. A Dorinhas está outra vez com ansiedade custa-lhe a respirar diz a Teté anda vamos rezar ao Menino Jesus. E ali habita uma sucessão de gerações de mulheres sobreviventes de uma ilha sem salvação. A única coisa possível é o amor entre elas mas os dias sucedem-se com uma banalidade demolidora e o amanhã não é redentor para ninguém. À volta da casa o quintal à volta do quintal os campos de vinha à volta das vinhas as montanhas e à volta das montanhas das montanhas o mar. O mar isola-nos inexplicavelmente de uma maneira que só é possível sentindo o choro da alma. A Dorinhas está outra vez com



ansiedade custa-lhe a respirar diz a Teté e então a avó da ilha sorri e coloca-me a mão no peito e murmura palavras estranhas com odor a rapé. As palavras proferidas entredentes pela avó da ilha parecem uma lengalenga mágica e a partir desse dia a escuridão da montanha já não era tão escura embora nunca deixasse de ser montanha. A avó da ilha também era uma ilha dentro duma ilha.

A vida de psicoterapeuta é uma espécie de vida múltipla embrenhamo-nos em diversas personalidades e respetivos dilemas. Para mim é terapêutico ser terapeuta. Faz-me bem o mal dos outros sinto-me curada dos meus males mais forte e sábia de tantas teorias prontas a explicar problemas alheios. Estou horas metida no consultório e assim os dias passam com uma celeridade inimaginável. Paciente atrás de paciente atrás de paciente atrás de paciente aqui estamos bem e confortáveis posso chorar Sotora claro tem aqui a caixa dos lenços não tenha medo de ter medo a ansiedade passa-lhe já só precisa de fazer terapia para o resto da vida de resto tudo se há de arranjar.

A Dores está novamente com cólicas diz a avó das camélias ao pai desta vez são mais fortes é melhor ir ao hospital o hospital fica ao lado do solar e é a extensão da minha dor. Dói-te aonde Maria das Dores pergunta o médico aqui neste lado onde a mãe não está dói-me onde ela não beijou desde as férias grandes dói-me nas saudades aiiii. É melhor ela ficar cá umas horas pode ser apêndice ou uma virose é a virose da mãe pensa o pai mas não o diz porque a dignidade anda de mãos dadas com o silêncio. Nome completo Ricardo... não digas disparates interrompe a avó Maria das Dores Saraiva de San Payo de Souza e Menezes senhor doutor. Vou frequentemente ao hospital com cólicas que desaparecem sem explicação ao fim de algumas horas será que faz mal comer bolinhos de terra com o chá das loicinhas será que faz mal ser uma menina sem mãe por que será que não posso chamar-me Ricardo quando vou ao hospital?

*Calling All Angels* do Lenny Kravitz. Podia ficar aqui a ouvir esta música para sempre. Traz-me tudo de volta o passado o futuro que ainda não vivi o rosto dos meus filhos dormindo em bebés... E sobretudo aquela outra casa da infância que ficou para trás envelhecendo apesar de mim enegrecendo apesar dos dias brilhantes que lá passei. A casa da avó das camélias a casa a quinta não conseguirei recuperar toda aquela inocência o espanto no olhar a dor por dizer a dúvida por perguntar. Os olhos humedecidos das minhas tias da avó da ilha a boneca de trapos despedaçada em mim as palavras doces as mãos nos meus cabelos que lindos meu Deus tão lisos como me dói esse passado impossível de recuperar. Seria hoje incapaz de voltar àquele espaço àquela casa de família onde cresceram gerações a Teté já morreu seria incapaz de regressar hoje e não a encontrar sorrindo a cada esquina... Querida Teté obrigada pelos sumos de tomate feitos com tanto amor obrigada pela Andreia preta de pernas compridas obrigada pela oração ao menino Jesus para que a mãe voltasse depressa obrigada. Não faz mal termos perdido o ratinho não tem importância o teu sorriso era mais doce as tuas mãos fazendo roupinhas para a Andreia eram mais meigas o ratinho foi ter com a sua família e a chucha foi com ele. Querida Teté como poderei regressar à casa da infância onde andei ao vosso colo como poderei descer novamente a rampa até à horta onde havia milagres a nascer a cada manhã...

Neva lá fora como se anjos descessem do céu *Calling All Angels* podia ouvir esta música para sempre anjos descendo do céu. Nesta pequena aldeia dos alpes suíços espreito à janela e vejo asas de anjos descenderem do céu e de repente sinto que é a mão da Teté acariciando-me o rosto trazendo-me uma boneca de trapos dizendo-me palavras doces dizendo a mãe já vem vamos ver à janela sim? É Natal e isso dói mais do que uma dor física estou aqui com os meus filhos e o homem da minha vida e sinto uma dor intensa que vem do fundo e atravessa os momentos de felicidade. Creio que qualquer um que perdeu alguém que ama sente o Natal como uma faca espetada no peito. Dói porque se ama porque se teve se amou e se viveu mas dói porque tudo se esfumou no ar no passado na saudade quero voltar a abraçar-te Teté. Por que não te abracei mais vezes e com mais força por que não te disse mais vezes o

quanto eras querida e maravilhosa por que não me sentei no teu colo para sempre por que não te escrevi mais vezes sabes o último postal que te envie chegou já depois de teres morrido... Teté...

25 de dezembro. Esta data só acontece uma vez ao ano e no entanto transborda-me as emoções de forma avassaladora traz-me o passado de volta com violência como se fosse um presente de acesso interdito mas emocionalmente devassado. É um dia longo e tão sensível que basta algo ocorrer de forma inesperada que é o suficiente para me deixar em lágrimas pensando que nada pode ser mais doloroso do que estar aqui sem toda a minha vida num só momento. Queria viver tudo de uma só vez disse o poeta e agora entendo estamos divididos entre aquela criança que fomos e o adulto que lhe sucedeu por engano diz o meu Pessoa e todo o futuro que nos espera e nos trará natais ainda mais distantes da infância ainda mais longe daqueles que amámos e foram desaparecendo Lenny Kravitz *day by day* ano após ano luz após luz. Teremos de suportar cada Natal com menos uma pessoa amada com menos um amigo com menos um momento. Adeus Teté sei que partiste com aquela estrela mas ninguém conseguirá arrancar-te do meu passado dos meus sentimentos da minha memória. Adeus Teté não cheguei a despedir-me foi tudo tão repentino não chegaste a receber o meu postal o meu último postal aquele em que dizia que tinhas sido tão importante para mim aquele em que eu pressentia já a tua morte mas recusava-a recusava-a nunca podemos recusar a morte. A Morte. É Natal.

Neva lá fora e talvez isso seja tudo o que importa. Os meus filhos correm descalços de pijama comem chocolates não lavaram os dentes estão felizes e isso é tudo o que importa. Neva lá fora e nada mais importa do que o momento presente. Anjos no céu *Calling All Angels* canta Lenny Kravitz deixem-me ouvi-la para sempre vejam está a nevar. Os meus filhos correm para a janela tropeçam em embrulhos de Natal já abertos não fizeram as camas não arrumaram a sala estão felizes. Eu vejo-os viverem a infância adolescência discutirem por causa do comando da televisão vejo-os viverem o momento

presente não ralho não lhes digo para apanharem os embrulhos do chão não os mando fazer a cama não comemos a horas nem lavaram os dentes estamos felizes e eu oiço *Calling All Angels over and over again*. É como se não fosse eu é como se estivesse a pairar acima de tudo isto talvez esteja talvez um dia esteja e goze o momento presente não vou estragá-lo com berros arruma a sala faz a cama já disse seis vezes fecha a porta lavem os dentes não vou estragar o momento é Natal. Tenho saudades de todos os natais da minha infância. Neva lá fora e isso é tudo o que importa.

A avó da ilha... Nunca conheci interiormente a avó da ilha e talvez isso fosse mesmo impossível apenas o seu rosto e o cheiro a rapé que perdura até hoje na memória. As tias estavam sempre presentes muito presentes demasiado presentes andando comigo ao colo cantando falando com uma alegria que se sobrepunha à sombra da tristeza esmagadora embora fosse inútil. A avó da ilha não falava mas sorria muito e tinha olhos brilhantes e cheirava a rapé. Sentada na sua cadeira com um grande espaldar de vime em frente ao mar que dominava em azul a frincha entre as montanhas era como se dali a avó controlasse toda a ilha e impedisse que o mar subisse para nos engolir. A avó da ilha era a Senhora do Quintal poderosa e onipotente mas aparentemente frágil e velhinha. Todos a respeitavam com aquela veneração matriarcal sobretudo era-lhe devotado o amor profundo de alguns filhos que tinham emigrado. Eram os tios que nunca conhecera nem havia de conhecer. Eram muitos mas todos tinham emigrado para o Brasil para fugir à profunda insularidade. Ali naquele canto da ilha não havia nada tudo era agreste seco varrido pelas cinzas do vulcão até à alma dos homens. A avó da ilha provavelmente esperava-os na sua cadeira de vime no centro do quintal. O seu olhar sempre vigilante impedia-a provavelmente de falar e por isso sorria sempre expectante. Falar e sofrer são funções praticamente incompatíveis por isso a minha querida avó da ilha apenas sorria sorria nunca deixando de fitar a nesga de oceano ao fundo do seu quintal virado para o mundo.

Fernando Pessoa sempre presente deem chocolates à criança a quem sucedi por engano abro o chocolate como-o devagar e sinto a criança dentro de mim que nunca cresceu. Cresci por fora tornei-me mulher aprendi a falar com alguma distinção sei conduzir máquinas aprendi a falar francês inglês cantonense mas nada disso retira a criança que não cresceu dentro de mim. Olhem para ela tão pequena tão frágil olhem para a criança a Dores parece que vai chorar tiraram-lhe a chucha já faz beicinho quer a mãe coitada a mãe não está a mãe da Dores não a quis foi-se embora foi para longe muito muito longe a Dores tem 3 anos e vai espreitar à janela ao colo da tia. A tia sabe que a mãe não virá senão depois do verão e por isso lhe fez uma boneca só a tia sabe que a mãe partiu e vai demorar muitas noites a chegar é de noite que a criança chora é de noite que a criança pergunta se a mãe vai chegar de manhã sim Dorinha a mãe já vem a mãe já vem a mãe já vem. De madrugada a Dorinha acorda com falta de ar com ansiedade com asma aconchega a boneca Andreia chama o ratinho e ele não vem faz chichi na cama a mãe não está a mãe já vem.

Escrevo como quem respira as quebras de parágrafo são os saltos da memória entre paisagens abissais. Nunca esquecerei a ilha semelhante a um vulcão plantado no atlântico com medo de se afundar. A Dorinhas está outra vez com ansiedade custa-lhe a respirar diz a Teté anda vamos rezar ao Menino Jesus e a avó da ilha sorri mais sempre que se fala neste menino. Gostava de ter meninos para brincar mas o Menino Jesus deve ser imaginário penso eu enquanto procuro a chucha escondida pela Teté. A Dorinhas já é grande não precisa de chucha. A ilha mete-me medo tenho medo de cair na levada e ser engolida pelo vulcão. É imperativo não dar nenhum passo para além do quintal. A avó da ilha sorria eu não sabia por que sorria sempre a avó da ilha. Talvez porque esperasse para sempre o regresso dos filhos emigrados do seu ventre talvez porque quisesse estar vigilante quando alguma notícia chegasse. O carteiro era o homem mais amado da ilha. Os olhos da avó da ilha iluminavam-se ainda mais quando ouvia a buzina da lambreta do senhor Adalberto. Aquela buzina significava postais do Brasil com assinaturas dos filhos Vitorino, Jacinto, Guilherme, Egídio, Lino, Juvenal os filhos que partiram homens mas tinham

saído crianças do ventre da avó sorridente. O dia do postal era dia de milagre em casa das tias e da avó da ilha sentia-se um misto de alegria comoção tristeza saudade vontade de partir vontade de ficar desejo de morrer. De alegria mas também de desespero constante.

No jardim que não é da memória, aproximam-se avô e neta de mãos dadas. Ela deve ter uns 3 anos e está radiante por aquela tarde passada com o avô. Ele jovem na sua qualidade de avô sabe-o e disfruta-o. A neta sobe para um murinho e caminha em equilíbrio chamando-o e diz «*Ó p'a mim avô. Ó p'a mim*». Ele aplaude diz que ela é fantástica e ela ri de contentamento. Que riso doce e maravilhoso. O avô aprecia-o bem e disfruta o momento como o mais belo de sempre. Os meus olhos inundam-se de lágrimas. *Ó p'a mim avô* que nunca tive *Ó p'a mim*.

Levo a minha filha pela mão no seu primeiro dia de escola sei bem a importância e a solenidade deste momento quero abraçá-la e dizer-lhe que estarei à sua espera como a mim nunca me esperaram. Olho para os seus olhos assustados e digo-lhe que a amo e que estarei a pensar nela todo o dia. Os seus braços frágeis as suas incertezas perante a vida e uma professora nova que dizem que é muito exigente a minha filha deve estar em pânico. De repente vê uma amiga outra e mais outra que eram da infantil adeus mãe nem um beijo foi a correr que bom está feliz é o que conta. Pego no pequenino ao colo neste momento ainda não sei que ficarei grávida uma terceira vez e que será outro rapaz como sempre desejei e terá o nome que é o espelho da minha alma limpo as lágrimas ao meu pequenino que levou 3 chuchas para o caso de perder alguma digo-lhe que o amo mas isso não lhe chega ele quer-me a mim quer a mãe a educadora pede-me para sair não acredito está a pôr-me fora deixo o meu bebé para trás e as lágrimas rolam-me clandestinas como se tivesse perdido o meu ratinho.

Acho estranha e até incômoda esta minha facilidade para ler os silêncios das pessoas sobretudo porque leva-me a conhecer as suas entranhas muito antes de elas se me revelarem por outras vias mais morosas. É doloroso confesso estar perante uma pessoa que exerce uma amabilidade superficial e eu pressinto o seu lado negro mesquinho invejoso e não consigo sequer aceitar a sua presença na minha vida. Tornou-se cada vez mais evidente para mim nos últimos anos que me devo afastar dessas más energias isto é más pessoas assim que leio os seus silêncios as palavras que elas calam as emoções que elas escondem o mau carácter que elas não revelam. Incomoda-me particularmente pessoas egoístas e invejosas é algo que me magoa que me fere me afasta. Por outro lado é absolutamente deslumbrante encontrar uma pessoa linda por dentro e tenho conhecido alguns espécimes maravilhosos fico numa urgência de me aproximar de os ouvir de participar nas suas vidas e ajudar no que me estiver ao alcance podem ser pessoas fracas fortes ricas pobres feias e velhas ou belas e novas mas há aquela nota que me diz o quão autênticas elas são. O que mais me aproxima das pessoas é a sua espiritualidade a generosidade o sentido de humor e a capacidade de rirem de si próprias a modéstia aliada à grandeza e nunca a vaidade aliada aos grandes feitos. Pessoas especiais para mim são por norma pessoas que conhecem o sofrimento por dentro mas não são falhadas nem amarguradas nem quezilentas são pessoas cujo sofrimento as fez crescer e as transformou em belas árvores após um duro e longo inverno. Por isso estou sempre à escuta mal alguém se aproxima de mim à escuta do seu silêncio à escuta do sentido escondido entre as palavras ou à escuta das palavras não ditas. Há pessoas que sopesam demasiado as palavras e evitam deslizes que possam dar a conhecer mais da sua pessoa não gosto deste tipo de cautelas para mim são falsidades gosto de pessoas espontâneas e engraçadas mas não descontroladas nem loucas no sentido ligeiro do termo gosto de pessoas que me tragam mais força ao lado sentimental da minha existência e que não o destruam com a sua maldade a sua ganância e a sua superficialidade. E isso é bom? Provavelmente, sim.

Na casa de pedra granito da avó das camélias onde cresci durante mais tempo e aprendi a celebrar o Natal como uma festa de alegria vivi a vida dentro de alguma normalidade era uma quinta um pouco afastada da vila por isso quando alguém nos ia visitar aquilo era um acontecimento misto de alguma ansiedade surpresa e contentamento. Pelas festas religiosas tínhamos sempre a visita de tios e primos que eu não sabia quem eram ou a visita pascal do padre e das crianças pobres que o seguiam atrás da cruz devidamente acompanhadas pelas mordomas e respetivos homens com a capa encarnada e os sininhos a tilintar. Quando começavam a subir a ladeira ouviam-se os sininhos e então crescia dentro de mim uma excitação tão grande um misto de alegria e de expectativa a avó dava-nos uma taça com biscoitos ou rebuçados para atirarmos às crianças da varanda enquanto o senhor padre subia para abençoar o nosso vinho e dar a cruz a beijar. Não beijas a cruz com a boca encosta a cara e finge que dás um beijo diziam-me para não apanhases doenças fazes ideia da quantidade de pessoas que já beijaram a cruz eu então atirava rebuçados àquelas crianças iguais a mim elas sujas por fora eu suja por dentro e a felicidade delas era imensa saltavam para alcançarem os doces e eu feliz por vê-las alcançar algo de tão grande nas suas vidas.

Descobri que era escritora quando percebi que não conseguia fazer mais nada na vida senão escrever escrever escrever tudo toda todos e viver através das páginas da minha vida disse-me um dia a minha paciente grávida de novo livro. Receio que a minha vida seja baseada numa história verídica disse-me sem sorrir e eu sorri por dentro porque aquele era um assunto sério. Acordo de madrugada disse-me com olheiras fundas com as palavras a transbordar a sufocar-me de maduras a quererem ser escritas a quererem a imortalidade que bonito pensei eu que violento acrescentou ela às vezes não consigo dormir primeiro porque as frases vêm em catadupas e eu levo uma a duas horas a aliviar-me dessa torrente e depois vem a insónia perante a obra perante o que acabo de escrever que me transcende que me reduz a uma escrava feliz. Quando terminei o meu último livro disse foi tão forte como um parto doloroso escrevi pela madrugada dentro e de manhã estava exausta mas tinha terminado algo que eu não sabia que tinha dentro de mim um livro cheio



de vidas e de palavras que eu não sabia existirem depois dessa manhã adoeci e durante três dias não tive força para me levantar esgotada estava foi tão violento e estranho salve-me de mim sitora mas deixe eu sei que não conseguirá fazê-lo venho cá apenas para novas inspirações. Eu tento pôr a vida por escrito acrescentou ela parafraseando qualquer escritor.

Na casa de granito da avó das camélias aprendi também que todas as épocas traziam coisas novas agosto trazia as figueiras carregadas de mel e os cachos de uvas pendurados nas latadas ornamentando toda a quinta e fazendo sombra às mesas de pedra onde fazíamos sardinhas. Havia também o tempo das nêperas a crescer à entrada da adega perto da torneira do lavatório de granito. Tudo aquilo me pertencia de uma maneira natural pois ninguém me dizia Dores não comas uvas não comas nêperas não comas as castanhas cruas Dores espera que sejam assadas cozidas não roubes morangos deixa-os crescer não tires camélias Dores. Eram dias felizes embora eu não o julgasse sobretudo porque os filhos de alguns amigos da vila iam com as mães visitar-nos e as mães perguntavam-me sempre gostas mais do pai ou da mãe e eu respondia respeitosamente dos dois e baixava o olhar mas aquela pergunta revoltava-me até às entranhas porque eu era a Dores-filha-dos-divorciados.

Depois vinha o verão e eu ainda não me tinha libertado totalmente da influência que o nome Ricardo tinha tido em mim por isso acordava de manhã sacudia os cabelos curtos vestia uns calções velhos e o pulôver do carrinho azul e assim que me despedia da avó na cozinha depois da nossa cevadinha e do pão com marmelada corria para o solar entrava pela cozinha adentro sim porque o coração das casas era a cozinha a sala era para as visitas e eu era a Dores a amiga-prima-irmã da Luísa. Bom dia tia a Luísa já acordou era verão a Luísa fazia serões com os pais e os irmãos a jogar canasta e dormia até mais tarde podés subir à torre e acordá-la Dores e sentia-se o cheiro do pão cozido naquele enorme fogão preto de lenha o cheiro a cevada Luíísa despacha-te vamos brincar. A Luísa usava lindos vestidos com uma faixa à cintura por isso

tinha de ter mais cuidado a saltar muros a subir portões a pendurar-se nas latadas a brincar aos cobóis em que eu era sempre o bom que a salvava e que para isso tinha de ser um pouco mau para os maus. Depois fugíamos o mais depressa possível porque eles podiam apanhar-nos éramos os mais fortes mas era preciso pormo-nos a salvo dos índios de repente a saltar o grande portão da zona proibida a Luísa rasga sem querer a bainha do lindo vestido azul... estranho como este acontecimento nos marcou até hoje como é que tanta beleza num vestido azul se pode perder num simples salto da brincadeira para a realidade.

Quando realizamos algo de bom bonito grandioso é suposto sermos apoiados aplaudidos admirados elogiados mas o que acontece na realidade é sermos ignorados invejados vexados e ludibriados. Quando realizamos algo de bom gostamos do abraço dos amigos das palavras dos vizinhos dos sorrisos dos colegas mas o que acontece na realidade é sermos desabraçados desapalavrados e dessorrisados por aqueles que nos são mais próximos. São portanto os estranhos os desconhecidos que nos apoiam nos momentos importantes das nossas vidas ou da minha vida transparente dizia-me uma outra paciente com o olhar baço fixo no infinito. Quero portanto acrescentou ela agradecer a todos os desconhecidos e estranhos da minha vida todo o apoio que me deram nos meus momentos de grandeza quero agradecer por terem estado sempre presentes por terem aplaudido e me terem inclusive interpelado na sequência do seu interesse pela minha pessoa. Nunca tinha visto tamanha solidão passei-lhe a caixa de lenços ela não quis chorar recusou ser vítima de quem não merece as suas lágrimas disse-me com um tom firme e decidido e depois saiu. E ficou a pairar a frase de Tennessee Williams *I have always depended on the kindness of strangers.*

Qualquer um fica marcado indelevelmente pelas aventuras da sua infância sobretudo nas longas férias de verão. As férias de verão o espigueiro ao lado do solar a quinta sempre verde cheia de árvores de fruto e com tanques de pedra onde havia cobras aquáticas. Naquele dia eu e a Luísa

fizemos uma loja de vários artigos feitos por nós arranjos de ouriços para os centros de Natal, pedras pintadas a lápis e envernizadas com verniz das unhas da tia, conchas e carapaças secas de caracol, botões e cubos de marmelada embrulhados em prata de chocolate. O espigueiro era o local ideal para a nossa loja, exceto que não passava ali ninguém, estávamos perfeitamente isoladas num espigueiro alto numa quinta isolada sem adultos que se interessassem pelos nossos planos para o futuro. Naquele dia estávamos entusiasmadas porque talvez a avó tivesse visitas à tarde e cabia-me a mim aliciar as visitas até ao espigueiro e ver se elas nos compravam alguma coisa. Almoooooço gritava a avó lá de cima. Luíísa gritava a tia da torre. Mas que maçada a loja estava-nos a correr tão bem mas porquê ter de comer agora. A seguir ao almoço corríamos para o espigueiro novamente tínhamos de escrever os preços dos artigos varrer a loja melhorar o aspeto da banca e fazer uma montra à porta do espigueiro logo cá em cima a seguir a umas escadas bastante a pique que só nós trepávamos com facilidade. É claro que nunca ninguém nos comprava nada ninguém aparecia mas o nosso empenho em fazer a loja era sempre enorme e nunca desperdiçávamos entusiasmo porque queríamos juntar dinheiro para o futuro.

Frequentemente tenho de me deslocar para fazer ações comunicações e outras atividades ligadas à minha área o que desestabiliza toda a rotina doméstica ao ponto de ter de arranjar turnos de pessoas para tratarem dos miúdos. Engraçado turnos de várias pessoas para fazerem o que eu faço sozinha sem turnos para me substituírem exceto quando não sou insubstituível. Então vai curar-me do meu mau feitio satora perguntou-me uma paciente em profunda crise existencial eu sinto uma angústia tão grande dentro de mim como se fosse rebentar mas a verdade é que me sinto acrescentou ela em tom de metáfora uma espécie de panela de pressão que não rebenta não rebenta...

O quarto da Luísa na torre. Ela uma espécie de princesa de vestidos impecáveis de faixa e gola redonda. Eu uma coisa arrapazada de calções gastos de bombazina e camisolões desengaçados que tinha herdado dum

rapaz. Ela branca de olhos verdes e madeixas louras caindo-lhe em cachos sobre os ombros. Eu morena amarelada de olhos castanhos cabelo curto e dentes afastados. Ela com mãe e eu sem mãe. Que estranha dupla com horários impostos para as brincadeiras com horas para entrar e sair com avisos para não incomodar não mexer não comer não perguntar. A Luísa. Se não fosse a Luísa a minha vida tinha sido um poço ainda mais fundo de solidão e de vazio. A Luísa com os seus cinco irmãos rapazes muito mais velhos talvez também sentisse uma espécie de solidão mas não a vivia decerto. Vinha de África onde tinha tido um cão o seu melhor amigo onde era a princesinha da família e estava rodeada de gente da terra para admirarem a sua candidez. A Luísa. O dia em que tu chegaste Luísa mudou a minha vida. Deixei de ser o Ricardo que se despedia da avó para viver aventuras solitárias no carreiro dos buxos que talvez não durassem assim tanto. Com a Luísa descobri que era possível trocar palavras sonhos ideias e cromos de futebol. Luísa contigo voava sonhávamos o futuro definíamos a nossa casa aquela em que havíamos de viver juntas discutíamos pormenores da decoração do funcionamento das coisas e de como seríamos felizes no futuro. Luísa. Fruto do acaso ou mão de Deus. Chegaste inesperadamente e eu deixei de ser Ricardo para passar a ser a Tucha e descobrir que afinal havia esperança em viver.

Viajei de barco toda a noite à procura de luz e de alguém que não conhecia. Enjoei nas primeiras horas mas depois aquele embalo passou a fazer parte do meu respirar. Deixo cair o braço e toco na água. Sento-me no fundo do barco e deito a cabeça na borda com o braço dentro de água. Procuramos algo procuramos alguém já não me lembro não sei quem era não me lembro por que estava ali. De repente sinto que a vida é tal e qual como estar num barco à deriva à procura de alguém que é importante para nós. Sinto que a vida é este baloiçar ora violento ora mais calmo sinto que a vida às vezes me dá náuseas e outras até aprecio o cheiro a maresia. Gritos de repente gritos está ali a criança está ali dou um salto meu Deus morreu afogada puxem-na ajudem as lágrimas a rolares-me eu a ajudar e a puxar sem força. Acorda Dores levanta-te está na hora da cevada disse a avó. Sei que era Eu sei que aquela criança que eu fui salvar era Eu própria e talvez já estivesse

morta talvez já não respirasse não tive tempo de a ajudar a avó acordou-me logo. Não tive tempo de ver se havia sobreviventes do desastre da minha vida.

A dona Cremilde era a nossa vizinha do Porto quando nos mudámos definitivamente para a cidade. Eu ia tocar à sua campainha para brincar com a filha que era mais nova do que eu e se chamava Caetana. A Caetana nunca poderia substituir a Luísa porque nós tínhamos feito um pacto de sangue e tinha ficado definido que seríamos irmãs para sempre além de primas. A Luísa estava sempre presente no meu coração e nas cartas que nos escrevíamos todas as semanas. Com a semanada que recebia sabia que tinha de optar entre o dinheiro para os selos e os chupas de caramelo. Mas a Caetana morava no 1º esquerdo e eu procurava sempre alguém para continuar a viver as minhas aventuras. A dona Cremilde dizia bom dia Dores mas eu ouvia-lhe os silêncios e percebia que ela dizia bom dia Dores-filha-dos-divorciados. Havia tantas palavras no seu olhar que davam para escrever um livro. Havia tantas perguntas naquele erguer de sobrolho naquele olhar para as minhas costas quando eu passava havia um chorrilho de interrogações que ela pensava e eu ouvia. O seu silêncio gritava mas quem é a tua mãe onde está ela por que vives com o teu pai porque é que a tua madrasta diz que é tua mãe não penses que me enganas porque é que tu não me contas a tua vida toda tooooooda. Obrigada dona Cremilde nós agora vamos brincar para o pátio.

E se casássemos? Em vez de ajoelhado com a caixa do anel estendida na mão perguntando quer casar comigo? Naquele momento só me lembro que percebi que havia várias formas de fazer um pedido de casamento e que a única forma que eu conhecia era a dos filmes lamechas. Nem nunca imaginei que se poderia pedir em casamento alguém assim desta forma E se casássemos? Também sei que já não se usava o noivo ir pedir a mão da noiva aos pais e comunicar o noivado anunciando o casamento mas no fundo era disso que eu estava à espera. Ou talvez não. A maturidade traz-nos destas coisas leva-nos também a achar que não temos de pedir nada a ninguém. E se casássemos? A minha vida toda num turbilhão o amor o amor é verdade que

traz a felicidade que muda a pessoa por dentro e por fora é verdade. Sim sim sim.

A dona Cremilde do 1º esquerdo tinha uns olhos tão grandes que pareciam maiores do que as lentes grossas dos seus óculos redondos. Bom dia Dores bom dia dona Cremilde a Caetana está vou chamá-la. E eu ficava à porta. Não corria pela cozinha não subia nenhuma escadaria a gritar Luíísa não dizia olá tia a Luísa já acordou podes subir queres um biscoito acabado de cozer? Eu aqui ficava à porta. Olá Caetana. Ela trazia algo na mão trazia uma boneca parece que íamos brincar às bonecas a Caetana não falava muito talvez a boneca falasse... Nunca brinquei às bonecas com a Luísa por amor de Deus bonecas são para miudinhas nós fazíamos vendas no espigueiro como adultas servíamos chá nas loicinhas com bolinhos de terra trocávamos cromos de futebol brincávamos aos cobóis arrasávamos na quinta isso sim é que era aventura e planeávamos o nosso futuro decidíamos a nossa vida. Uma boneca por amor de Deus.

Tranquilamente acendo um incenso nag champa ligo o meu portátil e seleciono para ouvir uns mantras do Tibete oferecidos por um longo amigo que mos cedeu numa pen drive. Outro amigo enviou-me um link com o livro do Saramago e faço uma chamada para Xangai no skype onde vejo o meu marido em pijama de madrugada a mandar-me nenúfares imaginários. Acabei de publicar umas fotos das férias no facebook e já tenho alguns comentários sobretudo de primos distantes que nunca vi nomeadamente do Brasil onde não tenciono ir mas quem sabe um dia. Adoro viver no futuro como sou alérgica ao pó não espirro ao digital. Adeus aos velhos livros álbuns de fotos e discos de vinil. Antigamente a televisão era o que de mais moderno se podia ter então imaginem se fosse a cores éramos ricos. Hoje o portátil o iPad o iPhone são a extensão da vida de qualquer um músicas fotos filmes eBooks documentos de trabalho enviados num clique pelo venerado e-mail a net e redes sociais não poderíamos viver sem nada disto para não falar no que está para vir. Eu até podia voltar ao campo mas só com internet e demais aplicações digitais.

Mentira afinal nunca voltaria ao campo. No campo podemos ouvir um grande silêncio demasiadamente grande. Quem tem medo da solidão das montanhas não sabe ouvir esse silêncio que nasce com a manhã e se prolonga pela noite branca. Só quem precisa de fugir de si próprio se refugia na cidade e no seu burburinho incessante é como se o murmurar metálico fosse uma companhia ausente. Pego no meu violino e começo a tocar o Ave Maria de Schubert os meus chacras alinham-se o meu batimento cardíaco volta ao normal agora sim respiro RESPIRO. Nag champa.

Sotora disse a minha paciente escritora não estou a escrever um livro estou a respirar um livro estou a viver a abraçar a morder a trincar este livro que tem sido o meu sopro diário. Nunca tive um caso assim uma paciente que suga a vida através dos sentidos e reescreve-a para a viver entranhar e chorar que é uma forma de sentir com mais emoção. Sotora disse-me ela só sinto a vida através dos livros que escrevo só vivo através da minha escrita e pergunto-me qual será o livro da minha morte? Calma digo eu você há de saber quando o começar a escrever esse livro dar-lhe-á o sinal eu sei responde-me ela mas como poderei acabá-lo se será o livro da minha morte... Deixou-me a pensar se não serão os livros a escrever a vida dos seus autores e não o inverso e se todos os escritores sentirão o mesmo. Sempre pensei que terminar um livro seria um alívio para um escritor sotora quando termino um livro sinto-me vazia e sem energia sinto o fim perco a vontade de existir. E de facto é quando termina um livro que a minha paciente regressa em força à psicoterapia exangue sem vontade sem alma sem história. No fim da linha.

A dona Cremilde do 1º esquerdo era a única vizinha mais presente na minha nova vida desde que mudáramos para a cidade. Presente pelo seu silêncio entenda-se. Cedo deixei de brincar com a Caetana porque não tinha havido química entre nós paciência. A avó das camélias continuava na casa da quinta e todos os fins de semana voltávamos aos Arcos para almoçarmos em família. Era ali que eu pertencia era naquela mesa de pedra que eu escrevera as minhas primeiras letras fora naquela vila que eu começara a primária eu

pertencia ali eu era daquele verde. O rio a casa as latadas as uvas a ladeira os grilos no verão o tanque de pedra onde aprendi a nadar a cozinha oh meu Deus como aquela cozinha e a avó eram a base da minha vida. Decidira portanto que iria repudiar a cidade como um exílio provisório. De mais a mais, havia as cartas e as encomendas para a Luísa havia os trabalhos de casa que era preciso despachar havia as cartas que eu escrevia a meia família e a uma mãe longínqua quase imaginária. Ocupando-me durante a semana rapidamente chegava ao fim de semana e ala que vamos para Valverde. O vale era verde e sereno e por entre as montanhas corria um rio límpido e sagrado. Por cima das águas transparentes uma ponte sólida erguia-se entre arcos redondos que se refletiam na água do rio Vez como num espelho. Arcos do vale do Vez. Arcos de Valdevez.

Abro o meu chapéu de chuva transparente em plena cidade de Tóquio anos noventa num cruzamento do chique bairro de Ginza. Nas montras das lojas aparecem manequins do futuro e estamos a falar dum futuro passado imaginem como será hoje em pleno século XXI. Olho para cima e as gotas de chuva caem ploc ploc ploc no meu chapéu de chuva transparente é como se molhasse o rosto sem de facto o molhar é como sentir a chuva na face mas sem água. De repente um turbilhão de gente estrangeira e nipónica abre os seus chapéus de chuva transparentes e atravessam a rua às centenas vê-se de tudo gueixas misteriosas homens de negócios adolescentes com asas efetivamente presas aos vestidos pessoas normais que chocam pela sua normalidade raparigas punks rapazes com o cabelo azul rosa verde mulheres louras japonesas estrangeiros também. Sobreviver a uma atravessada de rua em plena cidade de Tóquio é algo brutal quase semelhante a Hong Kong ou Xangai. Depois logo nos afastamos e vamos para um jardim belíssimo tomar chá verde com gueixas para estrangeiro ver ou talvez não. Depois de cruzar largas avenidas irrepreensivelmente limpas encontramos num jardim zen e parece mesmo o paraíso o lago a ponte delicada as pedras o engenho de bambu para a água as plantas tão bem tratadas a calma o silêncio a cerimónia do chá e as inacreditáveis e efémeras cerejeiras em flor. Um bando de corvos fascina pela proximidade embora tétricos vem chuva. Tudo aquilo é estranho



e fascinante. O mês de maio no Japão é mágico e efêmero pelos dias contados de cerejeiras em flor. Foi aqui que tracei o meu destino.

Hoje recordo a infância de que tanto quis fugir porque queria ir o mais longe possível. Recordo e realizo o quão bela é a autêntica simplicidade das coisas. Depois de viajar pelo mundo nada se me ocorre como mais belo do que o sorriso da minha avó da ilha ou o olhar das minhas tias e desejo essa maneira simples e única que elas tinham de sorrir e de olhar. Estendo a mão e já não posso alcançar esses pequenos momentos são passado não passam de memórias. Quando recordo aquelas tardes na cozinha da avó das camélias enrolando a sua torta de laranja a avó estava tão feliz tão feliz que cantava cantarolava ria porque a receita tinha saído bem e enrolava a torta ainda fumegante. Quando me lembro das tias a contarem-me histórias simples de meninas como eu que tinham uma vida tão simples brincar e correr sinto que tudo o que queria era ser capaz de exercer toda essa simplicidade cantar gargalhar olhar e contar coisas simples e únicas. Tudo se tornou tão complexo tão elaborado tão adulto que perdi esse lado simples e direto da vida. Quem me dera voltar a ser a minha família. Estendo a mão e já não posso alcançar esses pequenos momentos são passado não passam de memórias. Aquela minha família não passa de memórias e de morte.

Abro o meu chapéu de chuva transparente toco à campainha da dona. Cremilde abraço a Luísa aceito o pedido de casamento brinco com os meus filhos fecho a porta da casa da avó das camélias e vou brincar às aventuras. Este turbilhão de emoções traz-me de volta a mim mesma entrega-me tal como sou e vinha esquecendo há muito tempo. Mas muita coisa ficou por amar muita coisa ficou perdida pelo caminho hoje mas sei que não faria de outra forma. Era preciso crescer voltar a ser eu mesma e dar uns passos atrás. Era preciso não ter sido eu ter sido outra Dores com outro nome e outra vida. A vida e as suas alternativas. Cheguei a este cruzamento do qual avisto todo o vale. O que fazer apreciar a paisagem percorrida ou avançar em frente? Não vou avançar muito quero ficar aqui a contemplar cada passo cada flor cada imagem que não

vi com a pressa. Estou com a avó das camélias na missa que linda a nossa senhora diz ela e eu sorrio porque me é estranha essa emoção e depois observo a avó cantando com uma voz mais aguda à medida da sua felicidade. À medida que o coro canta e a avó os acompanha rolam-me as lágrimas pela face abaixo agora e não então como eu amo a minha avó e não o sabia como ela é bonita a cantar como é maravilhosa a sua alegria.

Bom dia tia a Luísa já acordou podes subir e acordá-la. Estas palavras eram música para os meus ouvidos. Saltava da cama cheia de energia era domingo e sabia que um grande dia nos esperava era início de primavera e as flores não tardavam. Tudo isto era demasiado belo para a minha idade às vezes só o passado nos permite admirar o que presenciámos a fugir. Naquele dia a tia tinha feito biscoitos queres um? Dores não obrigada tia. Tinham-me educado assim a recusar comida a fazer cerimónia a não comer mesmo que tivesse fome. Mas a água ficava na boca e a tia insistia só um biscoito está bem aceitava comia com culpa por que fui aceitar não o devia ter feito sabia-me bem mas sabia-me mal. Luíísa vamos fazer vendas para o espigueiro a minha avó vai ter visitas é a nossa grande oportunidade. A Luísa adorava preparar as vendas nessa altura era ela quem mandava e eu fazia tudo o que ela mandava Tucha traz isto traz aquilo segura aqui rápido senão não vamos a tempo. Não vamos a tempo...

A dona Cremilde do 1º esquerdo tinha uns olhos tão grandes que eram maiores do que as suas palavras. Ali naquele vão de escada muitas palavras não foram ditas enquanto nos cruzámos durante uma meia dúzia de anos ou mais. A Caetana também sabia calar as suas palavras de forma tal que eu a achava gritantemente apagada. No fundo nada daqueles silêncios era natural e por isso tão incómodos. Mudar da quinta para a cidade tinha sido um choque irreparável. Mas era preciso continuar a viver era preciso. Aquela cidade era inóspita como um barco sem nome à procura de um naufrago. Aquela cidade era o barco em que eu me perdera das minhas raízes. Voltar à quinta cada fim de semana era encontrar-me novamente mas era preciso salvar-me de mim própria a cada vez era preciso resgatar-me continuamente. Viajei de barco toda

a noite à procura de luz e de alguém que não conhecia mas que era eu própria. Enjoei nas primeiras horas mas depois aquele embalo passou a fazer parte do meu respirar. Era preciso resgatar-me a mim mesma continuamente.

O pai nunca estava mas lembro-me de uma vez em que me ensinou a apanhar grilos na quinta. Era verão e estava calor. Ouvia-se o cantar dos grilos tão alto que era como se a música fosse uma dádiva para todos que a soubessem escutar. Olhe Dores pegue nesta palhinha e meta na toca do grilo agora enrole nos dedos para lhe fazer cócegas. O milagre das férias de verão a acontecer em frente à toca de um grilo. Olhe Dores continue a fazer cócegas que o grilo acaba por sair é verdade cá está ele que bonito digo eu agarro-o vou guardá-lo na gaiola amarela de plástico que a avó me comprou na feira. Ponho-lhe uma folha de alface peço-lhe desculpa por o capturar fico horas a vê-lo comer defecar mexer e aguardo que ele cante para mim. Finalmente roça as asas e canta. Está feliz. O milagre das férias de verão a acontecer em frente à gaiola amarela do meu grilo.

É madrugada. Entra-me pela cama adentro o meu filho pequenino arde em febre meu Deus arde em febre outra vez. Primeiro sinto o seu cheiro a bebé a leite a cabelos lavados com camomila depois sinto o seu cheiro a doente e dou um salto da cama 40 de febre. Há anos que faz amigdalites de repetição há anos que não durmo de noite há anos que me aflijo que o vejo pálido fraco branco transparente magrinho pequeno o meu Ricardo. Há anos que sou uma sonâmbula a ver a febre a pôr supositórios a colocar uma toalha molhada na testa a dar banhos para baixar a febre a meio da madrugada. Há anos que conduzo como uma sonâmbula de manhã para levar os mais velhos à escola às 7 e meia da manhã com o pequenino no carro a arder em febre de pijama há anos que telefono ao meu consultório a dizer para cancelarem todas as consultas há anos que perco pacientes há anos que perco a paciência.

O pai nunca estava mas lembro-me de quando me ensinou a nadar no tanque de pedra da quinta por volta dos meus 7 ou 8 anos. Era verão e estava calor. Olhe Dores estique as pernas enquanto a seguro na barriga e comece a nadar à cãõ assim com as mãos e bata com os pés. Sentia-me um prego mas chapinhava chapinhava o tanque era enorme para mim o pai mandou forrá-lo com azulejo azul por dentro para parecer uma piscina e passámos a chamá-lo pistanque. Aprendi a nadar no pistanque naquele verão. O milagre das férias de verão a acontecer em frente aos nossos olhos mergulhados no pistanque. O milagre de nadar quase tão alto como o sonho de voar olhe Dores bata agora os pés e não engula água. O milagre das férias de verão a acontecer e de repente eu levanto voo e vejo tudo cá de cima como sempre sonhei sem medo de cair sem precisar de mexer os braços a planar por cima das árvores a voar finalmente acima das nuvens cuidado Dores não vê que se para de nadar afoga-se?

No extremo oriente comecei uma vida nova diferente de mim do meu passado do meu código cultural genético estético fonético. Naquela tarde em que saí do avião para uma atmosfera de 100% de humidade senti que levei um empurrão de novo para dentro do avião assim que pus o pé em novo território. Depois os cheiros a comida que nunca cheirara nada que se parecesse com o arroz de sarrabulho de uma avó e as papas de milho frito da outra avó. As algas cozidas a vapor as rãs os cães nas jaulas à porta dos restaurantes os outros bichos esquisitos que também se destinavam ao menu e os peixes no aquário. Entrar num restaurante começava por atravessar o aquário escolher o seu peixe ver o funcionário recolhê-lo com uma rede e dá-lo ao cozinheiro. Depois os pauzinhos ou então davam-nos uma colher por sermos estrangeiros a tigela que se levava à boca em vez do prato. A seguir o menu todo em chinês e muitos risinhos discretos e deliciosos das funcionárias. Aprendi a apontar para os pratos dos outros e a apontar para mim quando queria pedir riam-se muito muito eram muito amáveis os chineses. Mais tarde aprendi a falar com eles Tchou sán panguíáu bom dia amigo ou sek ou sek está muito bom muito bom e aprendi a dizer arroz chá pauzinhos mais camarão a conta fáchavor e mais risinhos devia ser do meu sotaque. Quando eu dizia Mekói mái tán por

favor a conta riam-se tanto tanto e repetiam exatamente com a minha entoação e riam-se mais e mais. Gostei muito de viver em Macau obrigada povo chinês Mekói sán.

Eu e a Luísa queríamos ter um país só nosso vá-se lá agora saber porquê queríamos uma Ilha de preferência onde só nós admitiríamos novos candidatos que teriam depois de aprender a nossa língua. Claro está que algum vocabulário continuaria a ser secreto e só nosso. Já tínhamos tudo definido, como organizaríamos o poder que seria exercido por nós claro está. Vivíamos tão entusiasmadas com este nosso projeto para o futuro que quando nos encontrávamos falávamos falávamos e todo o tempo do mundo parecia tão pouco para planearmos o nosso país. Um dia a avó teve visitas era uma tia da vila que trouxera a filha não resistimos e contámos-lhe o nosso segredo. Aquele era um momento tão único como é que de repente tínhamos permitido a alguém entrar no nosso segredo de repente estávamos ali a partilhá-lo. Não queríamos acreditar quando depois de contarmos o nosso sonho àquela miúda ela nos tenha dito que éramos doidas que aquilo era uma coisa sem sentido nenhum... Estúpida não acreditou em nós o nosso sonho o nosso futuro. Quero-a fora da nossa Ilha disse a Luísa nunca mais contamos nada a ninguém é o nosso segredo o nosso país chegámos à conclusão de que não queríamos que ninguém lá vivesse apenas nós apenas nós.

Quando mudei da quinta para a cidade nada fazia sentido. Nada fazia sentido como os grilos a cantarem no verão e a recolherem à minha gaiola amarela nada fazia sentido como as aventuras no carreiro dos buxos ou as vendas no espigueiro. Na cidade havia aquele cheiro inóspito tudo era cinzento e metálico os carros os prédios que feia era a cidade. No entanto hoje vivo e sou filha de uma cidade talvez a maior deste país e encontro aqui o meu lugar embora por vezes tenha de fugir para o mar e molhar os pés na espuma enterrar os dedos na areia amar o amar desculpem o cliché mas já nada temos senão clichés anglicismos e galicismos para além de mais outro acordo ortográfico. Abro o meu chapéu de chuva transparente.

Eu e a Luísa tínhamos decidido que nunca mais íamos chorar na vida. Tínhamos visto um filme dobrado em espanhol na tve sobre um miúdo da nossa idade que vivia num orfanato e não queria mais chorar com saudades da mãe que tinha morrido e por isso cerrava os punhos com muita força e conseguia nunca chorar quando se lembrava da mãe. Perfeito. Nunca mais deixo este truque pensei eu. Só eu sabia o quanto um truque destes me era necessário só eu sabia como precisava de recorrer a ele várias vezes por semana bastava lembrar-me bastava lembrar-me...

Menina Dores a menina Luisinha não resistiu faleceu esta noite. Sinto a náusea a tomar conta de mim sinto tudo a andar à volta sinto o nó de choro na garganta apertar mais ainda sinto o grito preso no peito faleceu esta noite esta noite esta noite. Menina Dores vá então sabe que a menina Luisinha não resistiu à meningite ela bem lutou com a sua boneca Tucha aqui ao lado tome fique com ela. A boneca Tucha da Luísa nas minhas mãos a boneca Tucha em que me tornei sem força nas pernas sem domínio sobre o corpo sem visão clara. Desmaio. O médico do hospital onde fui tantas vezes a enfermeira outrora antipática e agora carinhosa a boneca Tucha ao meu lado. Agora morro eu deixem-me morro eu com dores de barriga com dores da falta da Luísa com falta de ar com um espeto no peito morro eu. Desmaio. Menina Dores a menina Luisinha não resistiu faleceu esta noite. Sinto a náusea tomar conta de mim sinto tudo a andar à roda sinto o nó de choro na garganta apertar ainda mais sinto o grito preso no peito faleceu esta noite esta noite esta noite.

30 anos depois abro o bilhete que a Luísa me deixou antes de morrer. Estava preso por um alfinete nas saias da Tucha. Nunca o quis ler nunca o quis abrir quis guardá-lo como uma espécie de esperança como se assim um pouco da Luísa permanecesse para sempre viva em algo mais. Nunca soube lidar com a morte da Luísa falei com a Tucha durante metade da minha vida adulta até a levei na minha lua de mel tenho-a no meu consultório de psicoterapia. 30

anos depois abro o bilhete que a Luísa me deixou antes de morrer Adoro-te Nunca vendas a Ilha. As lágrimas rolam-me às enchentes pela cara quero gritar de dor de revolta de incompreensão e então agarro na Tucha e mordo-a com toda a força e o choro começa a vir pela primeira vez aos soluços depois aos tropeções logo depois como se fosse o uivo de um lobo. Adoro-te Nunca vendas a Ilha. O nó de choro da garganta aperta-se apesar do grito e sufoco amiúde a dor é lancinante tiraram-me tudo o meu futuro com a Luísa Ela era a Ilha. A Tucha está cinzenta por ter andado em bagagens e caixotes nas minhas dezasseis mudanças de casa e o bilhete da Luísa nunca tinha sido tocado pela minha curiosidade apenas preservado como um bem inestimável. Ao abri-lo hoje sinto que o meu peito se expandiu Luísa a Ilha é só nossa nunca a partilharei com quem não a merecer Adoro-te Nunca vendas a Ilha pediu a Luísa como se eu fosse capaz de vender o nosso amor.

Antes que seja tarde é preciso reaprender a amar dizia eu a outra paciente no meu consultório em tons de lavanda e branco com bambus e espanta-espíritos nas esquinas por causa do feng shui é preciso acreditar no amor não pode viver fechada nessa desconfiança mergulhada nessa dor para todo o sempre. Antes de mais é preciso acreditar no amor repetia-lho eu mais devagar... Amar... Reaprender a amar... Se não o fizer perderá tudo perder-se-á de tudo e inclusive de si própria e cairá no vazio. Esta paciente não parecia ouvir-me não reagia emocionalmente às minhas palavras não concordava nem discordava apenas se quedava com a sua dor de uma infância inteira de disfunções. Como dizer a alguém que ame quando esse alguém sempre foi vítima do amor como dizer que deixe cair as suas defesas quando sempre fora atacada como dizer-lhe que reaprenda quando tudo o que fez na vida foi reaprender. É preciso que desaprenda o amor digo-lhe eu então é preciso que deite fora esse jogo tão complexo de vida e comece a jogar outro mais simples. Desaprenda o amor comece de novo acredite abra o coração seja autêntica viva a verdade viva as suas emoções. O trabalho de uma psicoterapeuta não acaba nunca por isso vou para casa e deixo-me abraçar pelo meu filho pequenino Mãe eu adoro-a e quero casar com a mãe quando for grande a mãe é a outra metade do meu coração a mãe é a minha alma a minha ALMA e

depois deito-me no sofá a ouvir os meus adolescentes Mãe k seka k seka k seka.

Estou no centro do amor.

Chapéu de chuva transparente.

\*

## ACERCA DA AUTORA

(foto)

Maria João Saraiva de Menezes (1971, Porto) é professora e escritora. Licenciada em Filosofia, pela Universidade Católica Portuguesa, em 1998. Descendente de famílias do Minho e da Madeira, viveu no Minho durante a infância e adolescência e, entre 1987 e 1990, viveu em Macau, onde frequentou o primeiro ano do curso de Direito, na Universidade da Ásia Oriental. Vive em Lisboa. É casada e tem 3 filhos. Publicou livros de poesia, ficção, etiqueta, pedagogia e para crianças. Realiza a HORA DO CONTO COM A AUTORA em escolas e bibliotecas, com as suas histórias infanto-juvenis. Três dos seus contos infantis foram encenados e representados em Portugal. Venceu o Prémio Literário AICL Açorianidade 2013, com o livro «GUARDA CHUVA TRANSPARENTE, Crónica de um Amor sem Limites».

É autora dos seguintes títulos:

- *Carta ao Pai*, Gradiva, Lisboa, Maio 2000.



- *O Pequeno Livro da **Etiqueta e Bom Senso***, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1ª edição, Junho 2001, 9ª edição, Abril 2013, Livros D’Hoje, LeYa / Brasil, 1ª edição, Novembro 2012.
- *O Pequeno Livro do **Homem Apaixonado***, Publicações Dom Quixote, Lisboa, Junho 2002.
- *O Pequeno Livro da **Mulher Apaixonada***, Publicações Dom Quixote, Lisboa, Junho 2002.
- *O Pequeno Livro da **Mãe Galinha***, Plátano Editora, Lisboa, Julho 2004.
- ***Etiqueta para Crianças, Um Manual para a Cidadania***, Plátano Editora, Lisboa, 1ª edição, Junho 2006, 2ª edição, Maio 2010.
- ***30 Conselhos para Educar o seu Filho***, Plátano Editora, Lisboa, 1ª edição, Novembro 2007, 2ª edição, Abril 2008.
- ***Pegadas de Vento***, Poesia, Tecto de Nuvens, Porto, Maio 2008.
- ***Vasco das Forças, o Bullying e a violência escolar***, Editora Coisas de Ler, Lisboa, Maio 2009.
- ***O Menino Natal e o Pai Jesus, Afinal, o que é o Natal?*** (infantil), Editora Coisas de Ler, Lisboa, Novembro 2009.
- ***O Gafanhoto Garoto não pode brincar, (O stress infantil e a importância de brincar)***, Editora Nova Delphi, Funchal, Madeira, Setembro 2012 / Roma, Itália, Novembro 2013, Nova Delphi.
- ***O Dia em que o Mundo Desapareceu, (infanto-juvenil), em parceria com o filho Vasco Serôdio***, Anim Edições, Porto, Março 2013.
- ***Tomás, Mariana e o lobo, Conto infantil sobre a pedofilia***, eBook, Escrytos, Leya, Lisboa, Junho 2013.
- Integrou a antologia de contos «A MAGIA DAS CHAVES», Edições Vieira da Silva, Lisboa, Julho 2013, como o conto «A AUXILIAR».
- ***KAFKA e a figura do Pai no contexto do Humanismo Ateu***, (Ensaio filosófico) eBook, Escrytos, Leya, Lisboa, Agosto 2013.

[mariademenezes@gmail.com](mailto:mariademenezes@gmail.com)

<http://educacaoliteraturaecultura.blogspot.com>

<https://www.facebook.com/LivrosInfantoJuvenisHorasDoContoETeatro>